ANO 8.º — Sexta-feira, 30 de Abril de 1916 — NUMERO 368

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brazil e estranjeiro (ano) moeda forte 2$50
Avulso . . . $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

UM SIMBOLO

Quem manda hoje, manda bem e encontra-se no seu posto; está no seu logar e esses logares, onde todos bem estão, pertencem-lhes de ligitimo direito, por ser a recompensa e o galardão dos sacrificios, dos desvelos, dos desgostos, dos prejuizos e dos encomodos por que os apostolos da causa republicana passaram, **sempre em luta honrada em favor do seu ideal.** O seu triunfo era e é hoje um facto. A monarquia morrera. **Tentar o seu resurgimento, sería uma deslealdade; mais do que isso, sería uma cobardia, indigna do nome de portuguêses.** Portanto, as individualidades que hoje ocupam desde os primaciaes logares, ás comissões municipaes e até mesmo paroquiaes, todas, repéte, estão nos logares que lhes compétem; a eles teem absoluto direito.

Ninguem lhos disputa, ninguem lhos deve disputar.

A proclamação da republica foi um facto dos mais gloriosos que enchem a nossa historia. Os feitos dos soldados e do povo de Lisboa foram extraordinariamente heroicos, e a essa heroicidade presta as suas gratas homenagens. O sangue derramado nas ruas de Lisboa, foi sangue abençoado, porque veio redimir uma patria abatida, uma nação defracada, que debalde queria vitalisar-se e engrandecer-se, mas que as ambições partidarias não deixavam consegui-lo.

A monarquia extinguiu-se para sempre. Tomou o seu logar um novo regimen que lhe parece trazer a aurora da redenção nacional.

Está convicto de que os homens ilustres que hoje ocupam a supremacia do poder, sentem essa benéfica aspiração, entende que todos nós, todos os portuguêses que se presam, lhes devemos prestar incondicionalmente apoio, **aderindo á causa da republica.**

Ele assim o faz; ele assim deseja que todos os seus amigos procedam; não para pedir favores aos dirigentes, mas para os auxiliar na nobre causa que os orienta e os guia.

(Palavras do Conde Agueda numa reunião magna do partido progressista do distrito de Aveiro, realisada a 12 de Outubro de 1910).

Meu presado amigo

Deseja V. saber a minha opinião sobre a oportunidade da escolha dum rei quando venha a ser restaurada a monarquia. Sou de parecer que, FEITA A RESTAURAÇÃO MONARQUICA, deve imediatamente proceder-se á aclamação dum rei constitucional que não póde ser senão o senhor D. Manuel II.

Disponha do de V. etc.

(a) CONDE DE AGUEDA
(Da resposta ao recente inquerito do *Nacional*).

Quando um regimen, qualquer que ele seja, monarquico ou republicano, tem a servi-lo bandalhos sem brio e sem vergonha, sem coerencia e sem convicções; quando num regimen os prostituidos de caracter adquirem, atingem a cotação indispensavel para trepar, subir, impôr-se, dominar --- ai desse regimen, ai do partido que os toléra e que não corre com esses tartufos, marcando-os a fogo como elementos dos mais perigosos!

Porque são falsos, porque são desleaes, porque são traidores, porque são covardes. E um partido, e um regimen, com taes farçantes, afunda-se, não se dignifica.

A condenação

—(*)—

Dia a dia, hora a hora, aproxima-se o momento de vermos finalmente terminada esta vexatoria situação politica a que nos conduziram os erros duns e a excessiva falta de capacidade governativa doutros, pois que até os proprios conservadores já falam, já se insurgem contra isso que para aí está, cometendo atropelos, indignidades, sem respeito algum pelo país como se se tratasse de Marrocos ou dos sertões africanos em que o branco manda e preto obedece.

Assim, o insuspeitissimo *Comercio do Porto*, que, como se sabe, nunca viu com bons olhos a transformação politica por que passou, vai para cinco anos, esta patria de tão gloriosas tradições, dedicando o seu editorial de domingo á analise da obra atribiliaria que os ditadores pimentistas estão produzindo, escreve:

O aplauso dos apaniguados, mais ou menos subservientes, poderia convence-los, por momentos, de que a opinião publica os acompanhava; mas, passada a vozearia do seu grupo, não sería dificil reconhecer que a consciencia nacional repele os seus procéssos, abomina a sua orientação nefasta.

E recordando que aqueles a quem o sr. Presidente da Republica entregou os destinos da nação tudo tem descurado e pervertido, diz:

O país percebe bem que, para resolver a questão financeira, de cada vez mais agravada; para promover o fomento, pelo aproveitamento de valiosas riquezas abandonadas; para solucionar os multiplos problemas de ordem interna e externa; para erguer, emfim, por todos os modos o prestigio desta nacionalidade—não são propicios esses procéssos abominaveis que, começando por dividir a familia portuguêsa, acabaram por levar a confusão e a desordem a tudo, desde as consciencias até ao ultimo ramo da administração publica. O povo sabe lançar os olhos para o que se tem passado de fronteiras a dentro desta nossa desventurada terra e nos dilatados confins dos nossos dominios ultramarinos; sabe medir, no estalão da sua consciencia colectiva, a estatura dos homens que, com os seus erros politicos, contribuem para tudo desmantelar, para tudo perverter, para comprometer até a honra nacional.

Depois, o mesmo insuspeitissimo jornal do Porto, detem-se em considerações sobre a politica bravía, cheia de odios, que ultimamente se tem feito, até que conclue:

A politica absorvente, dominadora e brava hade forçosamente ceder o lugar, mais dia menos dia, á politica serena, sensata, tolerante e esclarecida de que depende necessariamente dominarmos as nossas dificuldades e prepararmos o nosso futuro. Ai de nós, se tal não viér a acontecer! Assistiriamos ao descalabro desta nacionalidade. Em hora extrema, que Deus afaste, haviamos de vêr os politicos bravos pretenderem vestir o capuz de penitentes, sendo cérto que lhes competiria vestir a tunica envenenada de Nesso para serem consumidos, como foi o lendario Herackles.

Basta de politica desenfreada!—disse-o ha muito tempo o país; mas não ouve esse clamor quem devera ouvi-lo. O grito, que hoje traduz enfado e nojo, póde ámanhã transformar-se—transformar-se-ha, sem duvida—em grito de protésto e de revolta.

Melhor será não o experimentar...

Sim; melhor será. Para todos os portuguêses.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

RETALHOS...

A SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. MANUEL II

Senhor! Bemvindo seja Vossa Magestade a esta terra, aonde se acolheu das procelas do mundo, para viver vida serena, a excelsa filha de D. Afonso V.

Bemvindo sejaes, Senhor.

Aveiro inscreverá a data da vossa visita em caracteres indeleveis; e das festas com que jubilosamente celebra esta faustuoso acontecimento, guardará por muitos anos viva memoria.

Dantes, Senhor, os reis assinalavam-se nos campos de batalha, em pugnas cruentas, vendo caír aos milhares, entre gritos de entusiasmo e imprecações angustiosas, companheiros e inimigos.

Era um espectaculo horroroso, horroroso! A humanidade inteira, depois de ter feito dessas hediondas hecatombes a sua principal gloria, parece te-las posto de parte para sempre.

Assim seja...

Pois anda uma creança longos mezes em gestação no ventre de sua mãe; vive á custa dela inflingindo-lhe os mais arduos sacrificios; surge á luz, pondo em risco a existencia materna, entre os mais doridos sofrimentos; sustenta-se depois com inumeros trabalhos, asperrimos sacrificios, vigilias, cuidados, solicitudes sem conta...

Primeiro que a creança chegue a homem, que soma de dedicações é preciso amontoar!

Tudo quanto os homens inventam e realisam, de mais assombroso, de mais sublime, nada se póde comparar com o trabalho de geração, produzir, formar até á puberdade uma creatura humana.

E hade, depois, ir alguem arrisca-la, indiferentemente, aos acasos da guerra, expô-la á boca dum obuz, inventar armas danadas que dêem a morte, aos milhares, com rapidez e perfeição!...

Que desaire para o progresso! Que vergonha para a civilisação!

Por isso, hoje os homens preocupam-se mais em evitar a guerra, e promover a paz.

E ainda bem!

Viveis, Senhor, neste seculo de luz. O Vosso coração e a Vossa alma formam-se ao calor das virtudes maternaes e dos deveres civicos.

Nesse tirocinio, por indole e por educação, Vós, Senhor, sereis do vosso tempo, professando o amor da paz e da prosperidade do vosso povo.

Este povo sabe que a monarquia tem acompanhado sempre a nação desde o berço até esta idade, até esta alta altura do seculo que tanto póde ser a mocidade como a velhice honrada dum povo, susceptivel sempre de se renovar e converter de novo em juventude esperançosa e fecunda.

A monarquia tem sido a nossa bandeira secular. Com ela temos atravessado todas as fáses da vida—com ela marcharemos em demanda do futuro.

Eu Vos saúde, pois, Senhor, como legitimo representante da monarquia, e penhor seguro da independencia nacional.

Aceitai, Senhor, esta saudação sincéra e intima dum português leal que ama egualmente a sua Patria e o seu Rei e entende que o Rei personifica a Patria e a sua independencia

Aveiro, 27 | 11 | 908.

P. V.

P. V. quer dizer Padre Vieira e padre Vieira è hoje um dos membros da comissão administrativa da Junta Geral.

Está cérto—como diria o Silva Pinto.

ALTO!

De toda a parte os bons republicanos soltam gritos de alarme, denunciando conciliabulos entre velhos chefes da reacção monarquica, aparições inesperadas de caciques, consumação das mais revoltantes perseguições, prepotencias de toda a especie, vilanías de todas as grandezas.

Sem o mais leve disfarce, por toda a parte se reconhece o favor e a protecção dispensada a declarados inimigos do regimen, que tripudiam á sombra dessa traição infame que, com uma persistencia que repugna, que avilta e que rebaixa, todos os dias, sob todos os aspectos e feitios, para aí se patenteia.

E contudo ha quem, afirmando-se republicano de principios, aplauda esse govêrno nefasto e afrontoso, que numa furia de mentecapto, absorvido pela megalomania da perseguição, está lançando a nacionalidade portuguêsa num cáos, num verdadeiro abismo de onde imbecilmente espera vêr surgir a monarquia!

E contudo, neste momento de tão melindrosa gravidade para a Nação, parte dum partido, seguindo a infeliz e desastrada orientação do seu respectivo chefe, aplaude e ampára no cometimento de todas as violencias aqueles que, sem o mais leve escrupulo e com determinado e criminoso fim, calculada e friamente as praticam!

Na falsa prespectiva dum gabinete prometido após as eleições, lá seguem atrelados na esteira de essa série interminavel de erros e de crimes praticados a esmo, sem um proposito assente, sem um fim determinado, todos quantos, vitimas do peor mal que invadiu a familia republicana—o personalismo—acompanham sem ponderação, sem critério e sem principios, o sr. Antonio José de Almeida que, dominado pela céga ambição de umas funções de presidencia ministerial—numa inconsciencia que assusta—encoraja e aplaude a ditadura!

Por toda a parte oferecem os seus melhores elementos para esteios do arbitrio do poder e para a protecção do desprezo e do abandono pelas mais insignificantes normas regulares da lei e da justiça, como sucedeu entre nós.

Em muita parte, cérto é, tambem, que a ditadura arrogante despresa e recusa esses auxilios; mas nem assim se abrem os olhos daqueles sobre quem péza a maior das responsabilidades, de cumplices, duplicadamente criminosos e responsaveis.

Os jornaes, orgãos oficiosos da seita realista, não se escondem de declarar que **entre monarquicos e o govêrno ha a mesma aspiração de bem servir o país, de trazerem uns e outros á nossa terra uma nova era de paz e de trabalho!**

O govêrno da ditadura não protestou contra esta afirmação, mas o sr. Antonio José de Almeida, embriagado com a falsissima prespectiva dum gabinete evolucionista com a sua pessoa na presidencia, ilusão que só ele não vê, continua apoiando o govêrno **que**

tem a mesma aspiração dos monarquicos, protegidos e auxiliados com o mais criminoso desplante e a mais evidente determinação!

O sr. Antonio José de Almeida não vê, não ouve, não sente!

Antegozando a suprema ventura dum periodo de governação para a sua pessoa e para o seu Silvio Pélico, que quer o regresso das ordens religiosas, regulamentadas com registo na policia, o sr. Antonio José de Almeida não dá acordo de si, fazendo apenas, no seu jornal, inofensiva ginastica de palavras a proposito do alvoroço, que, felizmente, vai alastrando por esse país fóra contra o marasmo de criminosa indiferença com que se olha e encara a gravidade da situação.

Para afectar de bom republicano, vigilante e intransigente com os principios democraticos, o sr. Almeida escreve artigos duma infantilidade que nos encomoda, amontoando palavras sem outro sentido mais do que encher o espaço reservado na *Republica* por obrigação.

Nada, porém, de concreto, de energico e de definida situação se conclue da leitura de taes artigos.

Ameaçando parabolicamente os monarquicos, o sr. Antonio José de Almeida *continua para a vida e para a morte,* ligado ao govêrno absoluto e inconstitucional que afronta o país, cingido á fementida oferta das cadeiras do poder, subjugado e convencido com essa promessa, como em familia vencemos com prometimento duns bolos, determinadas teimosias das creanças!

Mas que o sr. Antonio José de Almeida se suicide e consigo vão tantos quantos não tem a independencia bastante para colocar acima da pessoa do seu chefe, o prestigio e a salvação do regimen, pouco nos importa.

Que o sr. Antonio José de Almeida, *ligado com a ditadura para a vida e para a morte*, morra com ela, tambem nos é indiferente.

O que não permitimos é que sejam juntamente sepultados com o evolucionismo os cadaveres queridos e grandiosos da Patria e da Republica!

Isso não!

Como é dolorosamente verdadeira, e neste momento tão bem cabida, a sentença dum grande mestre: *o destino tem ventanias que inutilisam e dispersam os homens como um punhado de cinzas!*

Valores... entendidos

—(*)—

No dia em que aqui chegou o conde de Agueda, vindo de Lisboa da *grandecissima* reunião monarquica que lá houve para fundar o centro que hade trazer, em dia de nevoeiro, a monarquia dos *adeantamentos*, esperavam-no em plena *gare* da estação os srs. governadores civis, efectivo e substituto, o advogado Joaquim Peixinho e outros, que foram colher dos nacarados labios do *erudito aristocrata* todas as palavras de esperança e consolo, como ele as sabe dizer. E não nos admira que lá estivésse o representante do govêrno, inquirindo tambem como as cousas se passaram, porque a presença da *barata*, nessa ocasião, estava naturalmente indicada desde que o ditador Castro resolveu entregar a Republica aos insectos...

Mas não a chincam, não, porque ha cá os verdadeiros *pós keating* que afastam a bicharía...

A ditadura

Dissolvida a Junta Geral do distrito de Aveiro e nomeada a comissão, de que démos conta no numero passado, para gerir os negocios a seu cargo, é do nósso dever estampar aqui, tambem, os nomes dos que egualmente foram escolhidos para identico fim e, por por um decreto ditatorial, colocados á frente do municipio em substituição dos legitimos representantes do concelho.

São eles:

Bacharel Luiz de Brito Guimarães, professor do liceu, filiado no unionismo.

Henrique M. Rodrigues da Costa, proprietario, ainda monarquico.

Manuel A. Camêlo, proprietario e... camêlo.

Francisco Ventura, negociante de pescado, sem politica definida.

Vicente Rodrigues da Cruz, proprietario, filiado no unionismo.

José Marques de Almeida, sapateiro, filiado no evolucionismo.

Manuel Francisco Atanasio de Carvalho, proprietario, amigo dos seus amigos.

Antero de Almeida, alfaiate, ainda monarquico.

Caetano Marques de Almeida Cristo, negociante de cêra, filiado no partido evolucionista e sacristão da Ordem Terceira de S. Francisco.

Substitutos

Padre Manuel da Cruz, Manuel Eusebio Pereira, Elias da Maia Vilar, Tomaz Vicente Ferreira, F. V. Mostardinha, J. Simão, Eduardo Dias Limas, Evaristo Rodrigues e Luiz da C. Moreira.

Os novos édis, tal como os gerou o pontifice *Mijarêta* na cafurna da rua do Sol, apresentaram-se na segunda-feira a tomar posse, sob a *habil* regencia do sr. Brito Guimarães, cujo amor ao logar se transformou, ao que parece, já em paixão, com grande magua das meninas casadoiras... Usando da palavra, disse sua ex.ª pouco, mas disse que estava disposto a fazer só administração em harmonia com os seus principios republicanos, o que nós pedimos licença para registar, caso o sr. Brito Guimarães, nos tempos atribiliarios que vão correndo, se não opozer...

Tambem falou o vereador José Marques para declarar que ao entrar naquele recinto e ao sentar-se outra vez nas cadeiras de espaldar, tinha deixado a politica fóra da porta. Aludiu ao seu antigo republicanismo e porque só o anima o engrandecimento deste rincão é por isso que consentiu na entrada do seu nome na lista dos que compõem a câmara, o que deseja fique bem esclarecido por causa de erradas suposições.

Pela nossa parte póde o sr. José Marques estar descançado que não desvirtuaremos nenhuma das razões que o levaram a colaborar na ditadura pimentista. Sabemos perfeitamente que só *por patriotismo* o teriam demovido a aceitar semelhante sacrificio, como foi *por patriotismo* que entrou em câmaras monarquicas sem dar satisfações aos correligionários, como será naturalmente *por patriotismo* que outras glorias lhe estarão reservadas se persistirem em arranca-lo ao remanso da familia e á tripéça.

Nós até folgâmos, creiam, que assim aconteça. Porque só denota da parte dos monarquicos o mesmo sistêma de corrução usado *in illô tempore*, indo procurar aqueles que melhor se prestam a colaborar nas suas farças, e da parte de cértos republicanos um despreso pelos principios, que sería magnifico conhecer-se se não estivésse já suficientemente demonstrado.

Bem fez o nosso amigo José Gamélas que não obstante o teremno encaixado na comissão da Junta Distrital lhes deu com o... *chiça*...

E' que para remendo nem toda a gente se presta.

BARRA DE AVEIRO

O presidente da junta das obras da barra e ria de Aveiro, expôz ao govêrno as condições em que se encontra a barra e canal de entrada do porto désta cidade, que se acham num lamentavel estado de açoriamento, excitando pelo início de obras hidraulicas que não chegaram a fechar o plano precôncebido, o que representa ter a navegação de cabotagem o ingresso no porto quasi vedado, do que resulta grande transtorno para os navios de pesca de bacalhau. A mesma junta, em consequencia de taes factos, pede que lhe seja enviado, com o respectivo parecer do Conselho Superior de obras publicas e minas, o relatorio sobre a continuação das obras do canal do Espinheiro, e o plano hidrografico do porto e barra de Aveiro, e que o govêrno a habilite com os meios necessarios para a execução de taes obras, podendo realisar-se um emprestimo para fazer face a estes encargos. Pede tambem, que á junta seja entregue a sua quinta parte do imposto de cabotagem cobrado pela Alfandega de Aveiro para obras da barra, no que anda acertadamente e é de inteira justiça que lha concedam.

CONTINUA A FITA

Parece que cada vez mais se complica aquele caso, afecto á policia, a que no numero passado fizémos alusão e em que entram o *Bichêsa*, uma *demi-monde*, uma maquina de costura e uma casa de prégo.

Anda tudo embrulhado; e a serem verdadeiras as informações que nos chegam, a *fita* promete desenrolar surprêsas duma tal originalidade, que hãode fazer as delicias do publico lá mais para deante quando se soubér como se honram compromissos tomados e se pagam *generosidades*... de amor...

Dá, pela certa, um folhetim *de luva branca* para ser lido aos *serões* pelas leitoras do *Camaleão*...

Estás agarrado, *Bichêsa!*

Apanharam-te, meu cavaquinho!...

CENTROS MONARQUICOS

Com a protecção escandalosa do ditador Castro estão-se abrindo em vários pontos do país centros de propaganda monarquica em que condes, viscondes, marquêses e comendadores, *snobs* pelintras e *parvenus* de entremez se reunem para o desempenho duma missão, que não passa de ridicula farçada, pois ainda supõem, os *realissimos* cavalariços, que haja alguem que os tome a sério depois de tantas provas de escamoteação como foram as que déram ao país e constam de documentos insofismaveis, vindos á luz para que melhor se possa avaliar da sua conduta moral e administrativa.

Em Aveiro ainda não démos por quaesquer trabalhos que nos levem ao convencimento de que esteja para bréve tambem a abertura do antigo baluarte que o publico sobejamente conhecia por *centro do corno e da ferradura.* Vem aí o *pulha* maximo; fazem-se os preparativos para a saída da latrinaria gasêta, que era o seu orgão, mas a respeito do resto é que toda a gente se admira como os *monarquicos* de cá se deixam atrazar tanto...

Pois arriscam-se a não serem reconhecidos no *glorioso* dia da restauração...

Ainda mesmo que se apresentem com o *Bichêsa* e este lhes garanta a protecção do *Pilécas*.

Dr. Amorim de Lemos

E'-nos grato noticiar a promoção a juiz deste nosso muito presado amigo, de quem ainda ha pouco recebemos uma carta afectuosissima, da India, onde exercia com inteligencia e critério, na comarca de Quepem, o cargo de delegado do Procurador da Republica.

O despacho já veio publicado no *Diario do Governo* do dia 20 do corrente, devendo por isso o dr. Amorim de Lemos seguir dentro em bréve para o Congo a ocupar o logar de magistrado de 1.ª instancia das colonias, que lhe é destinado.

Os nossos sincéros e cordeaes parabens.

INTERESSES REGIONAES

O Gremio Beira-Vouga

Os naturaes dos distritos de Aveiro e Vizeu, residentes em Lisboa, organisam-se para promoverem o progresso das suas terras

Os naturaes da fertilissima e ridente região do Vouga, uma das mais ricas regiões désta bemfadada terra portuguêsa, que constituem em Lisboa uma colonia numerosa e exemplar pela honradez integra do seu comportamento social e pelo seu labor infatigavel, resolveram fundar um Gremio, que, reunindo em si a maxima soma das energias dispersas, possa tornar-se util á citada região, e portanto ao país inteiro. E' este um alto exemplo de civismo e amor patrio, e por isso são os filhos do Vale do Vouga dignos do maior louvor e do maior incitamento. E se de todas as regiões portuguêsas lhes seguissem o exemplo, cada agrupamento regional promovendo o progresso da sua terra, tornando-a mais conhecida e mais prospera, desses esforços localisados, resultaria a melhoria geral, o alevantamento e enriquecimento comum.

Na cooperação colectiva, e quasi sem sacrificio sensivel, assenta a possibilidade dos mais belos e uteis empreendimentos. Muitas regiões da terra portuguêsa estão como que lançadas ao abandono e outras não progridem tanto quanto lhes sería possivel, porque os seus filhos, queixando-se desse mal, nenhum sacrificio lhes dedicam e esperam que o remedio lhes venha milagrosamente, sem a intervenção do seu esforço persistente e desinteressado.

A região do Vouga estava neste caso. Por isso, a iniciativa agora tomada por alguns dos naturaes daqneles sitios, residentes em Lisboa, teve da nossa parte o mais simpatico acolhimento e levou-nos a procurar quem nos elucidasse sobre os meios de que conta servir-se e os fins que intenta realisar a nova agremiação regional. Foi o comerciante sr. Adelino Correia Vilar, membro da comissão de propaganda dc Gremio Beira-Vouga, quem nos disse as palavras que seguem:

— Não é esta a primeira vez que a nossa colonia em Lisboa se agremia para tratar dos interesses da sua terra. Em 5 de Outubro de 1911, precisamente no dia do 1.º aniversario da proclamação da Republica, fundou-se o Gremio Lafonense, constituido por individuos naturaes dos tres concelhos de Vouzela, Oliveira de Frádes e S. Pedro do Sul. Déssa associação fazia eu parte, e ainda hoje lá estaria, se a orientação por éla seguida, absolutamente incapaz de atingir o fim a que se propunha, me não tivésse desgostado, a mim e a um grande numero de meus conterraneos. De facto, o Gremio Lafonense, admitindo socios *auxiliares*, extranhos á nossa terra, e que portanto não teem pór éla nenhum afecto, degenerou numa sociedade festeira, de bailes e *pic-nics*, saráus e festivaes, e deixou por completo de tratar dos interesses da colonia e dos interesses regionaes que pretendiamos defender. Entretanto os problemas que directamente diziam respeito á nossa terra e dos quaes dependiam as suas prosperidades eram postos á margem. Assim a colonia em Lisboa deixou de ter no Gremio Lafonense as garantias que uma associação daquéla natureza deve proporcionar aos seus associados, e a nossa linda região deixou de ter aqui na capital o seu centro de propaganda.

Dou-lhe um exemplo: eu, proprio, propuz um dia que se estabelecesse uma cooperativa de consumo, para abastecimento dos associados, com os produtos do Vale do Vouga. Pareceu-me vêr nésta iniciativa um grande alcance e da minha opinião eram muitas outras pessoas. Não só os associados seriam fornecidos dos magnificos produtos da nossa terra, em favoraveis condições de preço, mas ainda em Lisboa se faria desses generos uma propaganda intensa e proveitosissima. Pois não se fez nada disso. Emfim, déstas coisas todas resultou o descontentamento de um grande numero de associados e, ha um ano, os dissidentes desligaram-se do gremio e retomaram a sua liberdade de acção.

Mas a ideia a que primitivamente tinha obedecido a criação do gremio Lafonense não podia nem devia ficar sem execução. E assim, muitos dos naturaes da região do Vouga resolveram conjugar os seus esforços para organisarem uma associação que satisfaça completamente ao alto pensamento que nos inspira: promover o progresso da região que vai de Aveiro a Vizeu, em vez de serem só os tres concelhos primitivamente incluidos.

—E por que fórma contam levar a efeito éssa intenção?

—Os fins essenciaes do gremio Beira-Vouga são, como lhe disse, estabelecer entre a nossa colonia um traço de união moral e afectiva, e tem como fundamento o que consta do nosso programa:

Por cada concelho agremiado, será nomeada uma comissão para tratar exclusivamente dos interesses do mesmo concelho; a direcção buscará organisar conferencias de propaganda em favor da região, excursões pela mesma, e congressos regionaes, para tratarem da defêsa dos seus vitaes interesses; destinará anualmente, para cada concelho, e em harmonia com o seu numero de associados, uma determinada verba para fornecer os livros escolares ás creanças mais pobres da região, dando tambem premios pecuniarios ou honrosos ás mais aplicadas; fornecerá assistencia medica aos associados residentes na capital, que déla necessitem, e uma ajuda para funeral ás familias mais necessitadas dos socios falecidos; vestirá, todos os anos, pelo Natal, um determinado numero de creanças pobres, filhas de naturaes da região, residentes em Lisboa; buscará colocação de trabalho, sempre que lhe seja possivel, para os naturaes da região que dêle necessitem; organisará, quando as circunstancias lho permitam, uma caixa economica e uma cooperativa de consumo, com os produtos naturaes da região, para beneficio dos associados; fornecerá semanal ou quinzenalmente, a todos os associados, um jornal, orgão do Gremio e dos interesses regionaes, sem outro qualquer pagamento, além da sua quota mensal.

O Vale do Vouga tem muitos dos seus naturaes em Africa e no Brazil. Por meio do nosso jornal, que a todos será enviado, estabelecer-se-ha a união indispensavel entre todos os conterraneos, por muito afastados que estejam, para que não olvidem a terra que lhes serviu de berço e sejam uteis elementos da sua expansão economica e espiritual. Em Lisboa, a colonia, devidamente agremiada, ainda que absolutamente extranha a questões de politica partidaria, entender-se-ha com os poderes publicos para a defêsa e promoção das prosperidades regionaes. Escuso dizer-lhe que não porêmos absolutamente de parte a ideia de organisarmos de vez em quando festas a que concorram os socios e suas familias, mas de maneira nenhuma faremos disso a nossa principal preocupação.

O programa é vasto, mas é possivel realisal-o, e para isso contamos com a boa vontade de todos os vouguenses verdadeiramente amantes da sua terra, tão linda e tão fecunda que não tem nada a invejar ás outras regiões de Portugal.

A esta louvavel iniciativa, que colhemos dum diário da capital, juntâmos nós todo o apoio moral que estivér ao nosso alcance, podendo a comissão contar que o *Democrata* a auxiliará em tudo que possa determinar interesse para a vasta região que se pretende arrancar ao esquecimento.

E ESTA?

—(*)—

Agora andam para aí a badalar as más linguas, que o sr. Brito Guimarães—que é republicano, monarquico, unionista, governamental, professor do liceu e coproprietario da fabrica do papel de Vale Maior—aceitou o sacrificio de provar que não era susceptivel de dissolução—que não era, emfim, *dissoluto*—porque nisso se empenhára uma roda de saias de cérta importancia, destaque e... formosura, partidaria intemerata de D. Manuel, e, por exclusão de partes, tambem correligionaria do mesmo sr. Brito Guimarães.

Não sabemos o qne possa haver de verdade sobre a intervenção dessa dama neste caso, que autorise taes referencias; mas o que poderemos garantir desde já é que o mais pequeno trecho do capitulo *amor* não podería ter concorrido para a acquiescencia do sr. Brito Guimarães aos desejos do bélo sexo...

Não o maculem, não o caluniem!

O sr. Brito Guimarães tem, até agora, todo o direito ao *palmito* e *capéla*—se Deus Nosso Senhor, nos seus altos designios, se resolver a chama-lo á sua divina presença...

O estado mais perfeito do homem é o de *donzél*—diz o evangelho -e o sr. Brito Guimarães é, acima de tudo, catolico, apostolico, romano!...

E sendo unionista, não podia deixar de professar essa religião.

Portanto o sacrificio do segundo enlace camarario deve ter outra explicação...

João de Almeida

Vindo do exilio, encontra-se nesta cidade, o ex-capitão do exercito João de Almeida, casado com a nossa ilustre conterranea, sr.ª D. Laura Mendes Leite.

Segundo informações que colhemos, demorar-se-á alguns dias em Aveiro depois do que seguirá para Lisboa onde talvez fixe residencia.

O sr. João de Almeida é um dos monarquicos recentemente amnistiados, motivo porque tem recebido cumprimentos de alguns dos seus correligionarios, embora pouco valiosos por falta de convicções.

TESURA

O assucarado *Dia* falava um destes dias na *rija tempera* dos monarquícos portuguêses, que é como quem diz, na sua tesura.

Realmente são bravos, são. Demonstraram-no em 5 de Outubro e já depois disso nas várias intentonas para restaurar a monarquia dos *adeantamentos*...

Ninguem é capaz de os agarrar... Bravos como seiscentos demonios...

. . . .

Em todos os tempos, e em todos os povos, por mais perfeitos, houve a legião dos comodistas, dos videirinhos, dos bajuladores da força e do poder. E entre nós existiu sempre a conhecida raça dos que, como diz o povo, viram facilmente de casaca, e que constituem uma comparsaría que ilude bastantes vezes os que governam ou estão prestes a governar, mas que os homens publicos não encontram nunca na hora da derrota ou do combate incerto. Desde que o poder, apezar de vivermos em Republica, proclama, pelos seus actos, que são os monarquicos quem manda, não admira que para junto dêles caminhem os especuladores permanentes de politica, os que querem mandar e os que querem comer.

. . . .

Estas verdades transcreve-mo-las do *Mundo*, de quarta-feira. Pois hãode-nos servir um dia para perguntar ao jornal lisbonense se é licito a qualquer republicano andar de braço dado com os taes *bajuladores da força e do poder*, que por comodismo ou por interesse não fazem outra vida senão virar a casaca, como tem acontecido, por exemplo, com os *dramaticos* da Vera-Cruz em cujo numero está incluido Barbosa de Magalhães.

Havemos de lhe perguntar isso e mais alguma coisa...

Conferencia

Na secção telegrafica do *Janeiro* de quarta-feira vem insérta a seguinte noticia:

«*Lisboa, 27*—Realisou-se hoje uma conferencia entre os srs. ministro da Justiça, conde de Agueda, Hipacio de Brion e dois padres de Aveiro.»

Não revéla o jornal o que se tratou; todavía alviçareiros houve que o descobriram e nos forneceram já alguns topicos, que nos habilitam a desvendar o segredo logo que chegue o momento azado.

E que segredo...

Diz-se...

(Parodia)

Diz-se, consta e já passou
D'Aveiro, muros em fóra:
—*Bichêsa* se enamorou
Duns olhos de côr d'amora
E depois... descarrilou.

Diz-se, corre e ha quem diga
Que ele pecou e contumaz
Reponta: *Que grande espiga!*
De pecar tudo é capaz,
E' só pegar na cantiga...
—Tesuras de Farrabraz...

Pecou? O amor é cégo
E por birra, a sorte avara,
Levou-o á casa do prégo
A' policia, t'arrenego,
—Fez pagar-lhe a *pêga* cara...

Corre que ele esbrazeado,
—Isso é que mais o consome—
Saíu do comissariado
Carimbado *unhas de fome*
Peor que um gato pingado.

Corre, diz-se, anda no ar,
Por toda a parte palpita
Esta pergunta sem par:
—Acaso é crime o pecar
Com uma mulher bonita?

Pois será um feio crime
Que tudo queima e abraza
Sem remissão compromete,
Nada no mundo redime,
—Amolar o canivete
Uma vez fóra de casa?...

Diz-se até que foi enguiço,
Mézinhas e benzeduras
Que goraram tal derriço...
Tendo subido ás alturas
Bichêsa perde... as unturas
E dá-lhe volta ao toutiço.

Sóbe a farinha, o feijão,
A batata, o pão ralado...
Mas desce a reputação
Que ele tinha d'imaculado.
—Ai do pobre perdigão!
Perdeu a penna, coitado.

Ninguem mude de agulheiro,
Nem de bainha da espada;
Doutra caixa de rapé
Ninguem tire uma pitada,
Sómente a prata da casa
E' que deve ser usada...
Cá por fóra de penates
Nada, nada, mesmo nada...

Vinte oito anos seguidos
De fiel dedicação
Merecem ser atendidos
Perdoado este *senão*...
Nunca mais no matrimonio
Juro dar um beliscão...

Nunca mais. Sobre a cabeça
Hirta e dura do *magriço*
Faço a soléne promessa
De não qu'rer outro derriço
Nunca mais mudar de péça...

Se me vejo livre désta
Não me meto noutra festa...

Basta já a tempestade
Que bateu toda a cidade
Como chuva de graniso;
P'ra me avivar o juizo
Ficarei c'o pesadêlo:
—Policia, prégo, fiança...
Que grande corrida em pêlo;
Não quero mais contradança...

Pois se me chega ás orelhas
O ruido dum tropel:
—Muares, cavalos, parelhas
Ou só dum rijo corcel?
—O' lindas faces vermelhas,
Onde escondias o fél!...

Já nem saí no domingo.
Pois se eu ando pingo, pingo...

N'esta minha desventura
Eu só apenas direi:
N'este mundo ninguem diga,
Pois o destino castiga,
D'esta agua não beberei...

P. da Crúz

Notas mundanas

Foi pedida em casamento para o nosso velho amigo sr. dr. Antonio Maria Pereira Vilar, de Oliveira de Azemeis, mas residente em Macequece, desempenhando as funções de Delegado de Saude, a sr.ª D. Maria de Belegarde da Silva, filha do coronel sr. Belegarde da Silva, director da Agrimensura.

O enlace efectuar-se-á brevemente.

=*Veio de visita a esta cidade o 2.º aspirante dos correios, João Augusto Rosa, a quem a ditadura desterrou para Vila Real sem que averiguadas razões para isso houvésse a não ser a sua qualidade de antigo republicano.*

João Rosa, que durante a sua curta estada em Aveiro, foi muito cumprimentado, está magnificamente disposto, em que pese aos seus perseguidores.

=*De regresso de S. Miguel, chegou a esta cidade onde se encontra em tratamento na sua casa da rua Direita, o sr. Antonio Henriques Maximo, cujas melhoras nos apraz registar com satisfação.*

=*Para a sua casa do Porto retirou com sua familia, o sr. João Pedro Soares.*

=*Fizéram na terça feira anos o sr. João Rodrigues Conde e a sr.ª D. Izabel de Souza Afonso, esposa do industrial Alberto Afonso.*

Os nossos parabens.

=*Vindo de Lisboa, encontra-se na sua casa de Angeja, onde conta passar algum tempo, o sr. João Dias Gorjão, valioso elemento do partido democratico.*

=*Regressou de Macieira de Cambra, o sr. Augusto Guimarães.*

=*Noticias do Porto, dizem ter sido operado com o melhor exito, o nosso amigo Raul Marques da Cunha, que ali se conservará ainda por espaço de algum tempo, a restabelecer-se.*

HOMENAGEM

A direcção da Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas está distribuindo convites para a inauguração, no dia 1.º de Maio, ás 20 1|2 horas, de alguns retratos dos beneméritos daquela casa, assim como para a conferencia que na mesma ocasião terá logar pelo sr. Barão de Cadóro.

Agradecemos o que foi dirigido a este jornal, que antecipadamente louva a iniciativa dos promotores da homenagem aos nossos falecidos conterraneos.

Para que será?

O sr. Brito Guimarães, presidente, em segundas nupcias, da comissão administrativa municipal, mostrou desejos de fotografar-se em grupo, rodeado dos colégas, para, com a indispensavel dedicatoria, mandar uma prova ao ministro do interior rubicrada pelo chefe unionista e *grande patriota* Brito Camacho.

Consta-nos, porém, que o primeiro Brito, que é, como quem diz, o sr. Brito Guimarães, tem encontrado sérias dificuldades para conseguir o seu desejo visto que os membros evolucionistas, levados áquelas cadeiras só por amor á terra, se negam a deixar-se fotografar a não ser com a condição de lhes fornecerem duas provas que desejam destinar: uma ao centro local, outra ao supremo chefe do partido, o sr. dr. Antonio José de Almeida, ligado, como sabemos, para a vida e para a morte, com a ditadura—tudo para honra e gloria da especial doutrina republicana, que este ilustre homem publico tem para uso proprio e do seu partido.

Apesar desta exigencia, que alguem não aprova, parece, comtudo, que se estabelecerá uma plataforma para o desejado acordo, entrando na questão, para esse *desideratum*, um *esculapio* indigena que é um pimpão para aplanar dificuldades e convencer *ingenuos*, levando-os, com a ajuda da familia, até a aceitarem logares que —valha-nos Deus!—*nem por sombras os querem e apetecem*...

Mas emfim... tudo para fazer a vontade ao sr. doutor, que nisto se entretem nas horas vagas que lhe permitem os seus doentes humanos e... quadrupedes!...

Mas ainda o não dissémos— todo o empenho do sr. Brito Guimarães em conseguir a fatografia, com *camêlo* e tudo, resulta, segundo corre, duma carta recebida do outro Brito, na qual o director da *Lucta*, sempre gracejador e *piadista*, congratulando-se com os novos *eleitos*... pelo govêrno, pede ao seu homonimo representante em Aveiro lhe envie sem falta, o grupo lá para uma coisa que ele sabe...

Está, portanto, justificado o empenho em que anda acêso o já mencionado presidente cronico do nosso municipio.

O peor é se depois dos evolucionistas dárem o sim, o *camêlo* faz partida...

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Necrologia

—(•)—

D. ROSA GAMELAS

Pela morte desta respeitavel senhora, esposa do sr. Domingos dos Santos Gamelas, está de luto uma das mais numerosas familias de Aveiro.

O triste acontecimento deu-se na segunda-feira quando nada o fazia prevêr, apezar dos 63 anos e dos trabalhos passados na escola durante 40, instruindo, educando as creanças, pois a sr.ª D. Rosa Gamelas era uma das mais antigas e abalisadas professoras do concelho e tambem uma das mais respeitaveis pela sua austeridade sem deixar de ser amantissima para as suas pequeninas discipulas a quem acarinhava como mãe espiritual, prodigalisando-lhes toda a sorte de beneficios.

O enterro, que se realisou no mesmo dia, constituiu uma imponente manifestação de pezar, sendo grandioso pelo numero avultadissimo de creanças das escolas que nele se encorporaram com os seus professores e ainda pela larga representação de amigos da familia e camaradas dos filhos da extinta, sr. capitão Mario Gamelas e tenente Amilcar Gamelas. No feretro foram depostas bastantes corôas assim como centenares de ramos de flores naturaes, levados pelas creanças, e no meio dos quaes desaparecia o corpo daquela que em vida tanto batalhou pela instrução com o fanatismo proprio de quem cumpre um dever, derramando luz a flux pelos pequenos cerebros.

A toda a familia em luto, mas especialmente a seus filhos Mario e Amilcar, um sentido abraço de condolencias pelo profundo desgosto que acabam de sofrer.

MANUEL DE SOUZA CARNEIRO

A tristêsa que nos invadiu a alma ao termos conhecimento, no domingo, já tarde, da morte do velho republicano de Agueda, Manuel de Souza Carneiro, ainda hoje perdura e tão funda que mal podemos alinhavar a noticia que nestas colunas tem de ficar como que a dizer aos vindouros o que é ser justo, o que é ser generoso, o que é ser bom, qualidades que Souza Carneiro possuia além da excessiva modestia, que o tornava ainda mais simpatico, impondo-o á consideração publica.

Trabalhador incansavel e honrado, democrata convicto e apaixonado, leal amigo e leal companheiro, a Republica perde no prestimoso cidadão um valiosissimo soldado e o concelho de Agueda um filho, um protector como poucos.

Pela nossa parte e avaliando o profundo abalo que deve ter causado o desaparecimento do saudoso aguedense, daqui acompanhâmos os que o pranteiam sem exclusão da inconsolavel viuva e filhos, que ele tanto adorava, a quem ele tanto queria.

S. Tomé

Prevenimos os nossos presados assinantes désta cidade africana de que encarregámos o nosso conterraneo e amigo, sr. Ananias de Lemos, de cobrar os recibos que se acham vencidos ou em via de vencimento, pelo que lhes solicitâmos a finêsa de os satisfazerem apenas lhes sejam apresentados.

E desde já agradecemos a todos tão penhorante obsequio, porque nos evitam superfluas despêsas.

Rio de Janeiro

Egual pedido fica feito aos srs. assinantes da capital dos E. U. do Brazil. Aqui foi encarregado da cobrança o cidadão J. Fernandes Tavares, que, obsequiosamente, prestará ao *Democrata* esse valioso serviço, sendo por isso de toda a conveniencia que os nossos amigos satisfaçam os recibos logo que sejam solicitados para o fazerem.

UM PROTESTO

Em carta enviada ao *Seculo* e que esse jornal ontem publicou, diz o sr. Eduardo Dias Limas que não autorisou ninguem a incluí-lo como vogal da comissão administrativa do municipio de Aveiro, por onde se deduz que ha gente nésta ditadura capaz de tudo.

Até de dispor dos cidadãos como quem dispõe de carneiros.

Se na monarquia era assim...

"Historia da Guerra Europeia,,

E' realmente digna de ser recomendada esta publicação, não só por estar habilmente elaborada mas tambem pelo relativo luxo da edição. O tomo que temos presente, n.º 11, além de uma linda capa a côres, de optimo efeito, insére o Diario da Guerra, de 17 a 31 de Outubro e as seguintes gravuras: mapa da fronteira turco-russa, infanteria turca e corpo de tropas britanicas, no Egito, montadas em camêlos, marchando em parada.

Não se póde exigir mais, e é muito de louvar a iniciativa da casa editora, pondo assim ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

Custa cada tômo de 32 paginas, 5 centavos e pódem ser pedidos á *Tipografia Gonçalves*, Rua do Mundo, 14— Lisboa, que os remete franco de porte.

"Quadros edificantes,,

Com este titulo andam em publicação uns opusculos do sr. Thucydides Rangel, exeditor do jornal *A Rotunda*, e dos quaes recebemos, de Shanghae, os dois primeiros numeros.

Agradecimentos.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CARTA DE ANADIA

—=(•)=—

Em 25

Por motivo dos meus muitos afazeres faltei com duas cartas para o *Democrata*. Não importa. Recomeço hoje por dar satisfação ao semanário evolucionista da Mealhada, que em uma local publicada no seu numero de 4 do corrente, me saiu á frente, por eu ter escrito aqui que as autoridades daquele concelho, segundo me constava, eram monarquicas.

Diz a *Mealhada* que o seu administrador é republicano dos mais sincéros—do que eu não duvidei, na aludida carta para este jornal: fazia restrições, pois que me referi á generalidade. Na verdade, não podia ser senão um republicano pre-historico, muito mais historico, que os democraticos da região gandareza—o sr. administrador da Mealhada; e para o provar, basta o saber-se que apoia e tem apoiado sempre o atual govêrno. Desculpe-nos, pois, a *Mealhada*; damos a mão á palmatoria mais quem nos deu tal informação, e assim passa o caso á historia.

Agora, mudando de assunto, vamos talvez, mais uma vez, expor-nos ás iras dos republicanos evolucionistas e camachistas. Queremos perguntar-lhes se depois de estar tirada a prova real de que o atual govêrno está traíndo as instituições vigentes, estão dispostos a continuar dando-lhe apoio. Pedimos licença aos republicanos que odeiam os democraticos, que aliaz, nunca lhes fizéram mal nenhum, antes pelo contrario, para lhes dizer que o seu procedimento, politicamente falando, tem sido e está sendo o mais possivelmente nefasto á vida da Republica. Tenham, os evolucionistas que amam o regimen, mais juizo, mais coerencia e mais vergonha. O sr. dr. Antonio José de Almeida, é, ninguem o duvida, um grande patriota, um grande republicano; mas é tambem um grande idealista, um grande sonhador, facilmente iludivel. No seu partido está nésta hora a faculdade de salvar ou enterrar a Republica.

Quanto ao sr. dr. Brito Camacho, que entre a colonia portuguêsa residente no Rio de Janeiro é conhecido por *Cabrito Macho*, chega a gente a convencer-se de que não é republicano, taes são as suas várias cambiantes politicas. Quem tem razão é um graduado burocrata do Anadia, afirmando que o sr. dr. Camacho, para se vingar dos seus competidores politicos,é capaz de tudo, inclusivamente de se aliar aos monarquicos, para esse fim. Não olha a meios.

Em vista das considerações que venho fazendo aos evolucionistas e aos unionistas, considerações que são o bastante para convencer os correligionários dos dois chefes politicos da verdade que se lhes apresenta patente, iniludivel, parece-me que, em bréve, muito bréve mesmo, tudo conspirará contra o govêrno do ditador Castro.

De nada valerá o sr. dr. Antonio José de Almeida, a quem, mais uma vez, fazemos a justiça de acreditar na sua boa fé, continuar apoiando-o, nem o sr. dr. Camacho continuar manejando a sua navalha de ponta e móla, porque os seus correligionários de todo o país, os que forem republicanos a valer, não tardarão a apontar-lhes o caminho a seguir:—ou guerra de morte aos traidores ou então... liberdade de acção, liberdade de tudo voltar ao principio: —á união de todos os republicanos, como até antes do 5 de Outubro, para exterminar a demagogia monarquico-reaccionaria.

E' fatal tudo isto, como nem póde deixar de ser.

Gomes Junior

Macieira de Cambra

Aos nossos presados assinantes deste concelho, a quem agora foram enviados pelo correio, á cobrança, os recibos vencidos ou prestes a vencerem-se, rogâmos a finêsa de os satisfazerem, camo de costume, logo que para isso recebam o competente aviso, pelo que desde já lhes significâmos a nossa gratidão.

Desastre e morte

Na tarde da passada terça-feira dirigiram-se a Esgueira, á data de agua, os esquadrões que compõem o regimento de cavalaria 8, aqui aquartelado.

Durante o percurso alguns cavalos, não obedecendo ao governo, principiaram em correrias tendo caído umas poucas de praças. O soldado n.º 222, do 1.º esquadrão, Joaquim Roque Garcia, vendo que não podia manter a sua montada e alucinando-se, pretendeu segurar-se a um poste telegrafico, o que resultou, como facil é de prevêr, uma formidavel pancada que o prostrou mortalmente ferido.

Não apresentando exteriormente contusão alguma, afirmou, porém, o medico regimental, que prontamente acudiu ao infeliz rapaz, reconhecer lesões internas gravissimas. Apesar de todos os esforços empregados para a salvação do desventurado moço veiu este a falecer na manhã do dia seguinte.

A vitima, muito querida entre os seus camaradas, era filho de José Roque Garcia e Maria da Conceição, natural de Lagares, concelho de Oliveira do Hospital, tendo nascido a 27 de janeiro de 1894.

O funeral foi concorridissimo, encorporando-se todas as praças do regimento, assim como um grande numero de oficiaes.

As praças dos tres esquadrões, e os oficiaes daquele a que pertencia o infeliz soldado, ofertaram corôas, que, em numero de quatro, foram depostas sobre o feretro, coberto com a bandeira nacional.

O triste acontecimento, que emocionou profundamente o elemento militar, foi comunicado em telegrama á familia do falecido, a quem por nossa vez enviâmos sentimentos.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 12

A Cruz Vermelha Portuguêsa deu os seus trabalhos por terminados com a ultima remessa que fez para Lisboa da quantia de 833 escudos, que, com os 3:80 anteriormente enviados, perfaz 4:633, que reverterão em beneficio daqueles que em Africa estão defendendo a nossa colonia.

= A policia desta capital deportou para Lisboa pelo paquete inglês *Francis*, que daqui saíu em 31 de março ultimo, nada menos de 4 honrados trabalhadores, sendo 2 espanhoes e 2 portuguêses, casados e com a familia aqui residente, a qual deixaram na maior miseria.

E' o caso que em 16 de março ultimo os associados da *União Geral dos Trabalhadores* se reuniram afim de protestar contra a imposição da Intendencia que quer obrigar os vendedores ambulantes a fazer uso, mediante cérta importancia, dumas carrocinhas de novo modêlo com que eles não pódem, devido á crise.

A policia, sempre atrevida, entendeu invadir a séde social e não só se apoderou de diversos objectos, como

tambem prendeu os portuguêses Eduardo Guerra e Julio Dural, e os espanhoes Adolfo Alonso e José da Rocha, isto é, Adolfo Alonso foi preso na rua, junto á séde social, José da Rocha, dentro da séde, Julio Dural, no Largo da Polvora e Eduardo Guerra, no Ver-o-Pêso, quando dormia dentro do seu automovel, ás 21 1|2 horas.

Depois de presos, fôram conduzidos ás 3 horas do dia 18 para o 1.º corpo de policia, a seguir foram transportados para o Marco da Légua e dali até ao quilometro 160 da estrada de ferro de Bragança, para onde partiram pelas 3,15 num comboio que se destinava á condução de animaes.

Retrocedendo, chegaram proximo ao Pinheiro ás 24 horas fazendo-os seguir a pé para casa do director do *carro modêlo*, aonde se conservaram até ao dia 20, á noite, em que uma canôa, á vela, os transportou para a ilha de Marajó, com permanencia até ao dia 29, sendo alimentados com carne sêca e farinha, de mistura com várias torturas que lhes inflingiram.

Dali foram conduzidos na lancha *Bulrusch* até á frente do Pinheiro para embarcarem no *Francis*, que os conduziu á Europa, com a mesma roupa com que foram presos, não tendo sido permitido sequer, ás esposas e filhos, despedirem-se deles nem saber onde estavam presos, porque a policia negou-lhes o seu paradeiro e o consul português não se encomodou com a prisão desses infelizes pelo facto de não se acharem matriculados nos consulados respectivos.

Aqui está um caso que deve merecer a reprovação de toda a colonia portuguêsa, o que realmente já vai acontecendo, pois muitos compatriotas nossos recusam-se a dar o nome no consulado em vista do sucedido, tendo agravado mais a situação do atual consul a declaração que o mesmo fez na imprensa, de que não prestaria auxilio algum a qualquer português, ainda mesmo matriculado, que pertencesse a agremiações de classe que não fossem desta nacionalidade.

O atual consul português tem-se tornado, ultimamente, muito antipatico á colonia não só pelo que fica dito como tambem por actos que muito depõem contra ele.

Temos tambem a notar a má ideia que o govêrno português teve de pôr em pratica a obrigação de todos os portuguêses se matricularem no consulado mediante dois escudos ou seja ao câmbio de 460, como o consul exige, 9,200 reis, moeda brazileira, a quem tivér mais de 3 mezes de residencia aqui, ou 1,400 reis a quem se matricular antes dos 3 mezes.

Portanto quem tivér 9,200 reis para se inscrever no consulado, pelo primeiro ano, e a seguir 1,400 reis, é considerado português para todos os efeitos, e aquele que não pudér dispôr dessa quantia deixou de o ser!

Antigamente se alguem queria matricular-se, podia faze-lo voluntariamente porque nada lhe custava. E nessa época ganhava-se dinheiro com mais facilidade e não se passava fome; agora que um grande numero de portuguêses não póde regressar á Patria por falta de meios, exige-se-lhe 1,400 reis todos os anos para ter direito a ser português!

Isto é simplesmente ridiculo e absurdo.

Leis desta naturêsa só servem para desmoralisar o sistêma republicano,

Se o govêrno português soubésse da miseria que por cá vai no seio da colonia, em vez de obrigar esta a matricular-se no consulado, mandava alguns vapores buscar os infelizes que, uma vez nas suas terras, ainda poderiam ser uteis ao país.

E uma das medidas acertadas que o govêrno devia pôr em pratica, era não deixar emigrar o analfabeto, porque é devido a isso que existe a maior miseria. Mas tal não faz o govêrno, porque o tempo não lhe sobra para os decretos ditatoriaes.

C.

Pinhão, O. de Azemeis, 18

Situada a minha casa num cantinho deste logar, aqui tenho vivido reconditamente afastado desde ha muito sem me importar de visitar o centro do cavaco, que é o adro da capela que desde tempos remotos se tem aproveitado para aquele fim. O aborrecimento é que assim me tem obrigado a seguir este regimen. O tempo corre ameno e delicioso, vendo-se as arvoresinhas todas vestidas e floridas por esses pomares, beijadas pela briza e perfumado pelo odor das flôres. Um encanto a que o trinar da passarada,por entre os ramos, dá vida e alegria aos pobres e honrados trabalhadores, que se elevam e estasiam com gorgeios tão diversos, com os seus hinos tão melodiosos.

Fitando os olhos no espaço, ponho-me a contemplar, numa devotada, numa sincera e afectuosa religiosidade essencialmente sã e pura, os prodigios da natureza divina, sem me importar que me alcunhem de *malhado*, visto estarmos numa época tão despotica, tão desconchavada, que já nem sabemos o rumo que isto leva.

A's 11 horas chega o correio; incontinenti mando buscar o meu jornal, campeão da liberdade, que, denodadamente, sem tibiezas, se bate em prol da Patria querida e da Republica, luctando contra os judas traidores, os delapidadores dos cofres do Estado, esses prepotentes insuportaveis, esses insolentes incorregiveis que fazem parte do séquito duma monarquia crapulosa e devassa, que, da altura do seu estendal de crimes, procuram assassinar a Republica com brusca e repugnante atitude, crentes e seguros na impunidade pelo artificio manhoso e infame da sua defêsa! Por mais que se queira aniquilar estes reptis venenosos duma nação, vitima das suas extorções, do seu desprezo e das suas vilanías não tem podido ser e querem ainda, a todo o transe, esses parasitas, apoiados ao tripudio da impunidade, afunda-la novamente naquele charco de lodo! Ah! A alma nacional tem que acordar novamente para a livrar desse atoleiro pestilento em que lentamente se vai afundando!...

* * *

Agora o que mais nos preocupa, é o sudario da carestia da vida que a tão altissimo grâu chegou e de cada vez mais se vae elevando. Aqui e acolá, desde o lavrador até ao mais habil artista e com maior razão o humilde operario, clamam num tom desesperadissimo não poderem auferir o necessario com o esforço e boa vontade do seu trabalho honrado para sustentar convenientemente a sua familia.

Bem perto de mim mora um sapateiro que trabalha dia e noite, fazendo mais do que lhe é possivel, sem que esse trabalho lhe chegue para sustentar tambem os seus. Ele, então, numa precipitação louca, vocifera: malditos alemães! malditos os traidores da Patria que acodem por êles!

O. F.

Castélo de Paiva, 26

Em um dos numeros do *Democrata*, li algumas verdades a respeito do procedimento do ex-administrador sr. Cunha. Essas verdades vêm firmadas como correspondencia. Ora o verdadeiro correspondente somos nós e não o autor da carta aludida. Em outro numero do mesmo jornal o sr. Cunha tenta mostrar serem falsos os factos alegados na referida correspondencia, mas nada consegue porque o seu procedimento é do dominio publico, antes e depois da proclamação da Republica. Senão vejâmos:

Foi nomeado presidente da Comissão Municipal republicana em 15 de Março de 1908, cargo que pouco tempo depois abandonou assim como alguns dos seus verdadeiros amigos e leaes companheiros.

Depois de se nomear a êle proprio administrador do concelho—que fez? Todo o seu procedimento é do dominio publico, e o *Democrata* o demonstrou evidentemente.

Neste jornal, de 23 de Abril corrente, queixa-se amargamente do atual administrador, que não conhecemos. Tenha paciencia, sr. Cunha, *não ha bem que sempre dure nem mal que não acabe.*

Foi um bem para a sua bolsa e um mal para o nosso bem-estar.

A terra lhe seja leve. Morreu nas mãos dos seus, a quem sempre serviu.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 24

DIVAGANDO

O mundo beatifico tem tolhido o movimento do progresso. Por toda a parte egrejas e conventos! Os sinos atroam os ares com os repiques, dobres cavernosos e dolentes. Os *comerciantes* das missas, dos sermões, dos batisados e dos enterros, passam e repassam nedios e anafados por entre o cortejo de beatas e beatos extasiados. As luzes mortiças e amarelas ardem nos altares, ora nús, ora vestidos de sanefas franjadas de ouro e lentejoulas.

Rebanhos enormes se prostam ante as imagens toscas ou primorosas, de santos, com passado mais ou menos escandaloso. Num atrofiamento de cérebro deformado, estes bandos, sem consciencia do que fazem, batem no peito fingindo uma contrição que não têm nem sentem. Parados, abismados de si mesmo, não fazem nenhuma ideia do que praticam.

Balbuciam esta ou aquéla oração, sem saber o que dizem, e ficam quites com a praxe, com o seu Deus e o seu padre! E' certo que, no meio disto, ha creaturas sincéras e inofensivas, dignas de respeito; mas a maior parte é uma horda de corrompidos. Aqui temos nós muito perto da porta, beatas, que, ouvindo tocar os sinos, largam tudo e é vê-las ir, risonhas, maquinalmente direitas á egreja postrar-se aos pés do seu padre, incondicionalmente. Este, orgulhoso perante a submição das suas *ovelhas*, ordena qualquer cousa e élas cumprem cégamente. Faz-se qualquer cerimonia anunciada pelo toque do sino, o beaterio curva a espinha e volta de regresso a casa todo satisfeito com o trabalho, que nem ele sabe a significação. Antes porém de dar entrada pela porta da cosinha, fitam o sol; e se este ainda vae um pouco alto, élas, entram com urgencia, mudam de roupa, munem-se de qualquer instrumento de córte, e ei-las prespegadas, passados minutos, nas terras dos lavradores, roubando o que mais lhes apraz. Mais adeante temos outra beata, mas esta malcreada e provocante, côr de *tomate saloio*. Toca o sino, éla aí vae afressurada, numa velocidade de 60 á hora, para conquistar o melhor lugar dentro da egreja aonde a sua voz possa sobrepor-se ás companheiras, e assim que o *negociante de missas e de consciencias* principia a psalmodear, éla abre as guelas num capricho desnorteado. Finda a festa aí vem de nariz no ar, provocando quem passa, se para isso tem ensejo, e de aí a 10 minutos lá a temos transformada e é vêl-a ir pelo carreiro do tio *Valente* em direcção ás propriedades alheias, aonde tenha informações que se rouba do bom e com a maior urgencia... Além destes factos, temos outros de beatos imoraes, que hoje vivem na ostentação, porque usurparam heranças ou roubaram imagens de alto valor.

Agora diga o leitor se isto é mundo ou o que é...

=Até que emfim chegou a Lisboa o grande estadista Afonso Costa, que tinha, no dizer dos *talassas*, fugido cobardemente.

Bem vindo!

Por aqui tambem se propalou que êle tinha fugido, destacando-se na infamia um rapasinho que tem pretenções a gracioso, e que um dia lhe deu vivas, ali, no largo principal, com toda a força dos seus pulmões!

Mas não era só êle; tinha por companheiro um jesuita sem ocupação, a não ser no mister de se entrometer com mulheres solteiras, casadas e viuvas, e envolver-se escandalosamente em vendas fantasticas só para prejudicar terceiros...

Fóra os biltres!
Viva Afonso Costa!
Viva a Republica!

= A Câmara Municipal de Agueda como toda a gente sabe, tambem foi atingida pela ditadura do general Castro e substituida por gente do *Béco*.

Pois senhores: aqui, em Ois, já isso se fez sentir; o mandão da tropa fandanga local já atrabanca as ruas como coisa sua, fazendo désta terra um lugar sertanejo, serrano.

Os reaccionarios são assim. A respeito de civilisação e progresso estão como sápo em terra lavrada. A fonte publica, que esta gente tanto odiava, está transformada em possilga de coeiros...

Aí valentes!...

C.

ATENÇÃO

Alfredo Francisco Braz, faz publico que tendo-lhe sido adjudicado o real das farinhas de milho e trigo, na freguezia de Requeixo, a êle se devem dirigir para o efeito do pagamento do respectivo imposto.

Povoa do Valado, 15 de Fevereiro de 1915.

Editos de 30 dias

(2.ª PUBLICAÇAO)

Por este Juizo de Direito, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando o interessado José Fernandes Mascarenhas Junior, solteiro, maior, ausente em parte incerta do Brazil, para todos os termos do inventario orfanologico por obito de seu pae José Fernandes Mascarenhas, morador, que foi, em Eixo, e no qual serve de cabeça de casal Rosalia Fernandes Mascarenhas, viuva do inventariado.

Aveiro, 22 de Abril de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão

Francisco Marques da Silva